MansA
Maison des Mondes Africains

Guia da visita



Cabral

Um olhar radical

Por um humanismo radical

16.10 — 13.12.26



Amílcar

© Nú Barreto — *Nha História* (2024) — Conception graphique : Studio Muro — MANSA — Maison des Mondes Africains, 2026 / Tous Droits Réservés

Amílcar Cabral

Por um humanismo radical

Revolucionário, engenheiro agrônomo, humanista e panafricanista, Amílcar Cabral foi um dos grandes pensadores críticos do século XX, ao lado de Frantz Fanon. Em 1956, ele funda o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) para libertá-los do jugo colonial português. Para Cabral, a independência política, que ele defendeu durante os anos de luta clandestina com o apoio da mobilização dos camponeses, não bastaria. Era preciso abrir caminho para uma transformação profunda das sociedades, das culturas e das consciências.

“Ainda ninguém realizou uma revolução vitoriosa sem teoria revolucionária.”



© Fondação Mário Soares e Maria Barroso

O pensamento de Amílcar Cabral inspirou nomeadamente Thomas Sankara e, mais tarde, Angela Davis e ecoa ainda hoje profundamente no continente africano. A exposição Amílcar Cabral: por um humanismo radical explora o alcance universal de seu método: compreender o mundo para melhor transformá-lo, fazer da cultura uma força de emancipação.

Nove artistas, **Hamedine Kane, Nú Barreto, Diogo Bento, Mónica de Miranda, Bento Oliveira, Yuran Henrique, Sónia Vaz Borges, Filipa César et Sarah Maldoror**, dialogam com o pensamento universalista de Amílcar Cabral. Através da arte têxtil, da fotografia, da instalação, do vídeo e do desenho, os artistas dão forma às múltiplas facetas de um legado que ainda permanece muitas vezes desconhecido fora dos círculos especializados. Representando a lusofonia africana, mas não apenas, os nove artistas contemporâneos compõem uma geografia viva daquilo que Cabral chamava de luta.

★Léxico

Assinaladas com uma estrela nos textos que acompanham as obras, algumas palavras-chave são apresentadas neste léxico para esclarecer noções importantes.



© Fondazione Lelio e Lisli Basso

Cabral em 10 datas

1924

Nascimento em Bafatá, na Guiné, em uma família cabo-verdiana.

1932 —1945

Infância e estudos em Cabo Verde. As grandes fomes dos anos 1940, que dizimaram uma parte da população, marcam profundamente seu pensamento.

1945

Parte para Lisboa para estudar agronomia. Encontra outros futuros protagonistas das independências africanas.

1953

De volta à Guiné, ele dirige e realiza com sua esposa, Maria Helena Rodrigues, o primeiro recenseamento agrícola do território, aprofundando seu conhecimento do país e da sua população.

1956

Fundação em Bissau do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde).

1959

O massacre de Pidjiguiti, repressão sangrenta de uma greve de estivadores em Bissau, constitui uma viragem decisiva rumo à luta armada.

1963

Início da luta armada contra o poder colonial português. Nos territórios libertados, o PAIGC organiza as escolas, a assistência médica, a agricultura e a administração.

1968

Na ONU, Cabral denuncia os crimes cometidos por Portugal e projeta a luta do PAIGC na cena internacional.

1970

Operação Mar Verde: as forças portuguesas atacam Conacri, numa tentativa de assassinar, nomeadamente, Amílcar Cabral.

1973

Cabral é assassinado em Conacri, no dia 20 de janeiro. Oito meses depois, a Guiné-Bissau proclama sua independência.

1974

A Revolução dos Cravos, liderada por militares marcados pelas guerras coloniais, depõe a ditadura portuguesa e abre o caminho para as independências.

1959

No dia 5 de julho, Cabo Verde torna-se independente.

Hamedine Kane

Senegal | Mauritânia, 1983

Encomendadas pela MansA, as duas obras têxteis de Hamedine Kane convocam Amílcar Cabral e Sarah Maldoror, figuras de destaque do panafricanismo do século XX. Para a realização das obras, o artista recorre aos arquivos dos seus herdeiros. Esses arquivos tornam-se, assim, matéria prima para novas narrativas dirigidas às novas gerações.

Cabral, sensível à cultura e à ★ **Negritude**, envia jovens militantes para estudar cinema em Havana (Cuba) e documentar a luta. Entre eles estão Sana Na N'Hada e Flora Gomes, que participam da realização do filme Mangrove School.

Testemunha dessa história viva, Hamedine Kane associa a ação política de Cabral ao nascimento de um cinema guineense. O trabalho multidisciplinar desse artista (filme, fotografia, instalação, bordado) transforma o arquivo em matéria viva.

Nú Barreto

Guiné-Bissau | França, 1966

Nha História, "minha história", em crioulo cabo-verdiano, é um díptico fotográfico de Nú Barreto. Realizada para o centenário de Cabral, a obra explora a memória transgeracional e a amnésia coletiva, através de estratégias de apropriação, de repetição e de destruição que abalam as narrativas dominantes sobre identidade e história. A partir de um retrato de Cabral, Nú Barreto coloca em cena um paradoxo: as duas metades do rosto de Cabral, uma na orientação original, representando sua origem cabo-verdiana, e a outra invertida, remetendo à sua origem guineense. Mais de cinquenta anos após sua morte, a obra questiona um legado ainda tratado de forma ambivalente nos dois países pelos quais lutou.

Nú Barreto desenvolve uma prática multidisciplinar e política para interrogar a memória e a identidade africanas.

Sónia Vaz Borges

Portugal, 1980

Filipa César

Portugal, 1975

Sónia Vaz Borges e Filipa César investigam as escolas do ★ **PAIGC**, escondidas nos mangais durante a luta de libertação da Guiné-Bissau contra Portugal (1963-1974). Aprender a andar na lama é a primeira aula: um saber encarnado, herdado da agronomia revolucionária de Cabral. "Na Guiné, a terra é cortada por braços do mar que nós chamamos rios": o ★ **rizoma** — a rede orgânica — transforma-se aqui em arquitetura de aprendizagem e de resistência.

★ ***Mangrove School*** reúne a pesquisa de Sónia Vaz Borges, historiadora interdisciplinar e militante, e a prática cinematográfica da artista Filipa César, que interroga os arquivos e as epistemologias anticoloniais. Juntas, elas realizam estudos de terreno, combinando testemunhos orais e pensamentos do rizoma.

O filme de Sónia Vaz Borges e Filipa César é apresentado em versão original, com legendas em francês. Legendas em português e inglês também estão disponíveis mediante solicitação.

Sarah Maldoror

França, 1929-2020

Sarah Maldoror formou-se em cinema em Moscou, onde conviveu com Ousmane Sembène. Sua obra polimorfa combina ficção, documentário e ensaio. Em 1978, Sarah Maldoror descobre o Cabo Verde independente e realiza dois filmes no país. Para um deles, colabora com Sana Na N'Hada, que também foi o consultor artístico e de fotografia para o filme *Mangrove School* de Sónia Vaz Borges e Filipa César.

Nos três filmes apresentados, a cultura torna-se reapropriação da história, último testemunho filmado do PAIGC antes do Golpe de Estado de 1980, que põe fim à união da Guiné-Bissau e de Cabo Verde.

Na livraria de Alioune Diop, fundador da Présence Africaine, ela conhece Mário de Andrade, poeta e político angolano, e amigo de Amílcar Cabral. Mário de Andrade convida Sarah a filmar a guerrilha na Guiné-Bissau, em 1970. Militante e livre, Sarah Maldoror coloca sua câmera a serviço das lutas de libertação e dedica, em especial, um projeto, que permaneceu inacabado, à vida e à morte de Cabral.

Os filmes de Sarah Maldoror são apresentados em versão original, em francês, de quarta-feira a domingo, às 14h30 e às 16h30. Legendas em português e inglês também estão disponíveis mediante solicitação.

Mónica de Miranda

Angola | Portugal, 1976

Para a MansA, a artista plástica Mónica de Miranda reinventa Greenhouse | Island, trecho de sua participação no Pavilhão Português de Veneza (2024), concebido com Sónia Vaz Borges et Vânia Gala, para o centenário de Cabral. Com Greenhouse, o "jardim crioulo" de Édouard Glissant torna-se solo de memória.

A outra obra de Mónica de Miranda, *Our bodies are older than the images or the words* convoca o corpo como um território de memória, em que se inscrevem e sobrevivem ao esquecimento as histórias pessoais e coletivas. Dando continuidade à sua investigação, a artista propõe uma reflexão sobre as temporalidades inscritas nos corpos e sobre a capacidade deles de preservar, resistir e imaginar futuros alternativos. A obra afirma a memória não como um lugar fixo, mas como um espaço vivo de transformação e possibilidades.

Através de um percurso pluridisciplinar, Mónica de Miranda explora a memória, o género e o espaço, por meio do prisma da arqueologia urbana e das geografias afetivas. Mesclando desenho, instalação, fotografia e som, ela dilui as fronteiras entre ficção e documentário.

Diogo Bento

Portugal, 1984

A série fotográfica ★ **Cabral ka mori** ("Cabral não morreu") explora o que resta de um homem quando seu nome se torna lenda. Suspendidas no teto de vidro da MansA, as imagens de Diogo Bento são impressas em tecido, matéria através da qual o espectro de Cabral paira sobre o espaço. Longe de uma cronologia, a série observa como a memória se deposita por fragmentos, entre presença fantasmática e "direito à opacidade", tema caro a Édouard Glissant.

Bento Oliveira

Cabo Verde, 1973

Bento Oliveira desenha em pele de cabra, como as dos tambores da Ilha de Santiago, renovadas a cada ano de acordo com um rito ancestral. Paisagem materna e placentária, tambor e resistência: ele recolhe plásticos, ossos e cerâmicas à beira-mar. *Na Pundi* — que significa "onde", em crioulo cabo-verdiano — nomeia o gesto: a palavra como paisagem, a ação como revolução.

Pintor de formação, o artista dedica uma atenção especial às nuances de cores e aos materiais do cotidiano, para melhor transfigurar o real em uma nova verdade, ancorada na memória e na representação da vida. Cabo Verde, entre topografia escarpada e sensualidade do cotidiano, é a musa eterna de sua obra.

Yuran Henrique

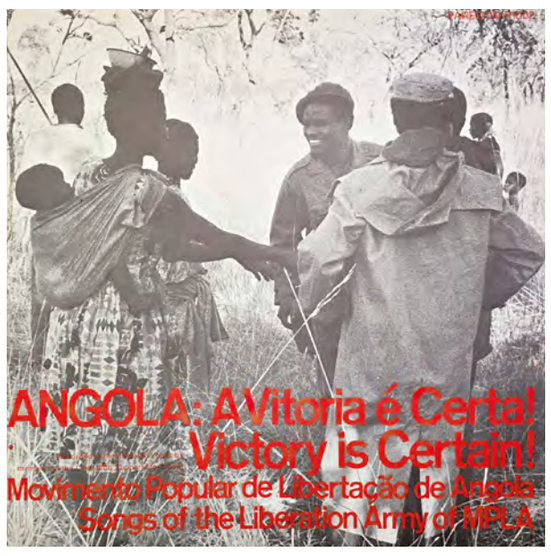
Cabo Verde, 1993

Yuran Henrique convoca Orunmilá, ★**orixá** yorubá da sabedoria e da adivinhação, guardião do destino.

Influenciado por Bento Oliveira, Yuran Henrique reivindica em *ORUNMILÁ* um vínculo cabralista: uma mitologia pessoal povoada de figuras meio humanas, meio animais, em que dialogam formas cosmológicas e conhecimentos tradicionais cabo-verdianos.

Formado em São Vicente, Yuran Henrique é também caricaturista no Expresso das Ilhas desde 2018. Entre exposições coletivas, residências internacionais e arte mural, sua prática dá forma a uma linguagem visual popular, em que a linha do desenho de imprensa encontra uma cosmogonia pessoal, interrogando a transmissão de um saber ancestral diante da história colonial e de suas rupturas.













O universo sonoro da exposição por Rocé

A banda sonora é uma travessia musical pelo pensamento e pelo legado de Amílcar Cabral. Ela não busca contar sua vida cronologicamente, mas possibilitar que se ouçam as ressonâncias de seu pensamento nas músicas de luta, nos cantos revolucionários e nas obras de artistas que acompanharam os combates pela libertação dos povos africanos.

Cabral considerava a cultura como uma arma essencial da emancipação. Antes mesmo da vitória militar, era preciso conquistar a dignidade, a memória e a consciência coletiva. As músicas aqui reunidas prolongam essa intuição: a música como linguagem política, ferramenta de organização, espaço de transmissão e ato de resistência.

Da Guiné Bissau a Cabo Verde, de Angola a Moçambique, essa playlist reúne obras que acompanharam os combates pela independência. Ao lado de músicas e de cantos revolucionários, ressoam as vozes de Amílcar Cabral, Samora Machel e Agostinho Neto, oferecendo um diálogo entre música, poesia e discurso político.

Essa seleção é também fruto de um trabalho de investigação e de preservação. Várias gravações apresentadas nunca foram reeditadas em formato digital e apenas existem em vinil, por vezes difíceis de encontrar. Para que pudessem ser novamente escutadas, foi preciso localizar as edições originais, e depois digitalizá-las cuidadosamente. Esse processo contribui para a preservação de um património sonoro amplamente desconhecido e para a sua transmissão ao público contemporâneo.

O propósito não é construir um monumento a Cabral, mas mostrar como seu pensamento continua a habitar criações musicais que ultrapassam as fronteiras nacionais.

Cada música ilumina uma faceta de seu combate: a soberania, a educação popular, a unidade, a solidariedade internacional, o lugar dos camponeses, a afirmação cultural ou ainda a necessidade de pensar a liberdade para além da independência política.

Escutar esta seleção é entrar em uma história em que a música acompanha as revoluções, alimenta os imaginários e conserva a memória das lutas. É também lembrar que, para Amílcar Cabral, a cultura nunca foi um simples reflexo da história: ela era um de seus motores.

Rocé

Artista, produtor e investigador musical, Rocé interessa-se há muitos anos pelas músicas que acompanham os movimentos de emancipação, pelos arquivos sonoros e pelas circulações culturais entre África e as suas diásporas.







Léxico

★ Cabral ka muri (ou Cabral ka more)
Expressão que surgiu logo após o brutal assassinato de Amílcar Cabral em Conacri, no dia 20 de janeiro de 1973. Significa "Cabral não morreu" e permanece viva na poesia e na música popular da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. A expressão transmite a ideia de que o legado político de Cabral foi e continuou a ser defendido e celebrado após sua morte.

★ Carnaval de Bissau
Trata-se de uma manifestação da cultura popular que ocorre anualmente na capital da Guiné-Bissau desde a independência, por ocasião do Carnaval. Grupos de diversos povos desfilam pelas principais artérias da cidade, apresentando diferentes práticas expressivas tradicionais: danças, músicas e teatro. As máscaras de papelão são preparadas especialmente para a ocasião, e a grande diversidade de pinturas e representações evidencia a grande riqueza cultural da Guiné-Bissau.

★ Jardim crioulo
O jardim crioulo é um espaço onde coabitam plantas alimentares, medicinais, aromáticas e ornamentais. Herdeiro de práticas desenvolvidas nas sociedades escravagistas e pós-escravagistas do Caribe, ele constitui ao mesmo tempo um espaço de subsistência, de transmissão de saberes e de autonomia.
A coexistência de espécies diferentes entra em ressonância com o pensamento de Édouard Glissant, que pensa o mundo a partir da Relação e do encontro.

★ Kriol
De acordo com os linguistas, crioulo é uma língua que nasce da mistura entre várias línguas europeias e africanas. O primeiro crioulo do Atlântico surgiu na Ilha de Santiago, em Cabo Verde. Tornou-se depois uma língua veicular no arquipélago, na atual Guiné-Bissau e na Casamansa, no Senegal. Estudado em todo o mundo, o Kriol é hoje um símbolo da identidade nacional, tanto em Cabo Verde como na Guiné-Bissau, embora não tenha ainda o estatuto de língua oficial em nenhum dos dois países.

★ Mangrove School
Na Guiné portuguesa, o acesso à educação era muito desigual. Em 1964, o PAIGC cria um sistema escolar nas regiões que ele controla, com 50 escolas primárias. Em 1972, já existiam 164. Instaladas na floresta para estarem protegidas dos bombardeios, as escolas são construídas com materiais simples: telhados de palha ou folhas de palmeiras, bancos de galhos ou tábuas. Os alunos precisavam ter mais de 10 anos para frequentá-las, para poderem reagir rapidamente em caso de ataque.

★ Negritude
Nos anos 1930 em Paris, estudantes e intelectuais negros vindos de África e do Caribe questionam juntos a experiência colonial, o racismo e as culturas negras. Entre eles, Aimé Césaire, Léon-Gontran Damas e Léopold Sédar Senghor participam da revista L'Étudiant Noir, na qual surge o termo "negritude", pela pena de Césaire. Alimentada pelas trocas intelectuais transatlânticas e pelas reflexões desenvolvidas com as irmãs Nardal, a Negritude afirma as culturas, as experiências e as identidades negras diante da assimilação colonial. Ela torna-se um importante movimento literário e intelectual no século XX.

★ PAIGC
No dia 19 de setembro de 1956, Amílcar Cabral e cinco companheiros fundam o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde ou PAIGC, em Bissau. O partido entra na luta armada em 1963. Sua estratégia, elaborada a partir de diferentes experiências revolucionárias, mas sobretudo das realidades sociais, políticas e geográficas do território, confere um lugar central à mobilização das populações. Nas zonas libertadas, progressivamente controladas pelo PAIGC, novas estruturas políticas, educativas e sanitárias são criadas. Após as independências da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, o PAIGC exerce o poder nos dois países, até a sua separação em dois partidos, em 1980.

★ Rizoma
Um rizoma é um caule subterrâneo que serve de reserva alimentar e permite a certas plantas armazenar nutrientes e desenvolver-se horizontalmente. Ele pode produzir novas raízes e novos brotos em diferentes pontos. O gengibre e o bambu desenvolvem-se dessa maneira. Édouard Glissant retoma essa imagem para pensar a "Relação": uma identidade que se constrói nos vínculos com os outros, por oposição à "raiz única".

★ Orixá
Os orixás são potências ou divindades das tradições religiosas iorubás, presentes principalmente nos territórios que correspondem hoje à Nigéria e ao Benim. Intermediários entre os seres humanos e o deus supremo Olorum, os orixás estão associados a forças, elementos naturais, atividades e dimensões da existência. Com o tráfico atlântico de escravizados, o culto atravessa o oceano e adquire novas formas, como a santería em Cuba e o candomblé no Brasil.

Sobre a MansA

MansA é uma instituição cultural pública aberta a todas e todos, dedicada à promoção, transmissão e valorização das culturas contemporâneas dos mundos africanos. Espaço híbrido, sem fronteiras entre disciplinas, a MansA define-se ao mesmo tempo como uma casa de artistas, um ponto de encontros, um centro de recursos e uma incubadora de talentos aberta ao mundo. Em resumo, um laboratório vivo em que se cruzam artistas, pensadores, investigadores e ativistas, para fomentar novas formas de criação e de análise crítica.

A instituição possui uma responsabilidade: oferecer chaves de compreensão para tornar inteligíveis ao maior número de pessoas as dinâmicas históricas, culturais e políticas dos mundos africanos.

Sua programação é concebida como um grande encontro, em que a experiência humana e a emoção permanecem centrais, onde nos reunimos para aprender, compartilhar e estar juntos.

Prolongue a experiência online

Descubra desde já nosso site, um espaço para acompanhar, dia a dia, a aventura MansA.

mansa.fr

Siga-nos nas redes sociais

@maisonmondesafricains

Maison des Mondes Africains

@maisonmondesafricains

MansA Maison des Mondes Africains

@MansAMaisondesMondes Africains